

OS DILEMAS DE UM SOLDADO E SUAS AVENTURAS DE SUSPENSE: UMA ANÁLISE DAS AVENTURAS DO CAPITÃO AMÉRICA NOS ANOS 60.

GUSTAVO BORGES TELES¹

Introdução

A década de 1940 inauguraria o que denominaríamos “Era de Ouro” dos super heróis. Uma mudança significativa dos padrões gráficos de escrita dos quadrinhos permitiu então o aparecimento de seres com poderes nunca antes imaginados, rompendo a barreira da realidade o qual conhecemos. O surgimento do gênero da aventura promoveu uma alteração tanto no padrão de desenho quanto de escrita do quadrinho, aproximando-os da realidade se diferenciando do caráter cômico e cartunesco que antes predominavam.

Os super-heróis em quadrinhos foram personagens emblemáticos que há muito tempo fazem parte do imaginário das pessoas; principalmente crianças e adolescentes. Sejam eles homens voadores com roupas coladas no corpo e poderes astronômicos, ou sejam monstros de cor esmeralda com super-força e um notável senso de justiça, esses super-heróis desde seu surgimento no final da década de 1930 e início de 1940, tem sofrido constantes transformações. Essas transformações não ocorreriam apenas em caráter físico, mas também em sua composição histórica ocorrendo mudanças estruturais em seus roteiros, mediante as materializações do tempo em que são escritos. Esse presente artigo visa uma reflexão acerca do super herói Capitão América bem como o relançamento de suas histórias no arco de aventuras denominado Tales of Suspense já em meados de 1960, após a queda do nazismo.

¹ Graduado em História pela PUC-GO e especialista em História pela UFG.

O Capitão América foi um, senão o mais emblemático super herói de seu tempo. O jovem franzino Steve Rogers, após receber o soro de um cientista (Dr Erskine), adquire habilidades equiparadas ao ápice do desenvolvimento muscular humano, se tornando um super soldado com treinamento militar extraordinário. Ao contrário de outros heróis, é justamente o governo norte americano que proporciona a um cidadão comum, a oportunidade de se tornar um super humano, este que então serviria como porta voz nítido do governo se utilizando da bandeira dos Estados Unidos da América como uniforme, e defendendo os ideais de liberdade, igualdade, patriotismo, bem como o “sonho americano”. O Capitão possuiria também uma notável galeria de super vilões, sendo o mais clássico deles o Caveira Vermelha, alter ego do nazista Johan Schmidt. O Caveira seria criação do próprio Führer Adolf Hitler, treinado pelo mesmo para propagação dos ideais nazistas, bem como do medo e da maldade. O surgimento do Capitão América nos anos de 1940 para lutar contra os nazistas era justificável historicamente. Os conflitos da Segunda Guerra e a insurgência dos fascismos se materializavam nas histórias em quadrinhos. Segundo Gubern (1979, p 99):

Assim se consolidou o gênero de aventuras nos comics, precisamente na década em que a nação sofria os estragos da Depressão e o público surgia especialmente receptivo a evasões imaginárias e estimulantes facultadas por esse tipo de narrativa heroica e compensadora das asfixiantes frustrações quotidianas.

Além disso, o próprio surgimento dos super heróis no período da guerra materializa uma necessidade de resistência dos judeus às propagandas nazistas. Muitos dos criadores desses heróis e histórias em quadrinhos eram filhos ou netos de imigrantes judeus que migraram para os Estados Unidos a fim de sobreviver às perseguições nazistas. Por exemplo, o criador do Capitão América Jack Kirby, cujo nome verdadeiro era Jacob Kurtzberg tinha

origem judaica. Podemos também perceber a visão maniqueísta materializada nas aventuras dos super heróis em quadrinhos. O bem e o mal são figuras sempre presentes. Enquanto o Capitão América personifica o bem, inevitavelmente seu arquivilão Caveira Vermelha personificaria o mal.

Os super heróis viveriam seu apogeu na década de 1940, onde a grande maioria deles lutaria contra a opressão nazista. Muitos desses personagens estariam vinculados ao caráter militar, além do Capitão América, muitos outros capitães apareceriam durante a era de ouro como por exemplo o Capitão Marvel e o Capitão Nazista. Esses heróis serviriam de conforto a corações sem esperança minados pelo horror da guerra, servindo de entretenimento para crianças, jovens e até mesmo adultos.

O CAPITÃO AMÉRICA EM “TALES OF SUSPENSE” E UMA REFLEXÃO SOBRE O RESURGIMENTO DOS SUPER-HERÓIS.

Os horrores da segunda guerra geraram seus heróis e super heróis. Porém, durante a década de 1950 muitos desses heróis caíam em obscuridade. O período o qual denominaríamos de “A Era de Ouro dos Super-Heróis” encontrava seu fim². O Capitão América, que fora tão expressivo durante a segunda guerra encontrara o fim de suas publicações em meados de 1950. Com o fim da guerra, os países estavam mais preocupados com a reconstrução e reparação dos estragos proporcionados pelo conflito. Os Estados Unidos viviam um momento de paz e prosperidade, visto que, ao ajudar na reconstrução dos países afetados pela guerra, se tornou o maior credor do mundo. Conforme afirma Visentini (2008, p.152):

² As histórias em quadrinhos do gênero de super heróis são divididas entre as eras de ouro, prata e bronze. A era de ouro encontra seu fim na década de 1950 principalmente pelas fortes críticas do psicólogo Fredric Wertham e seu famoso livro “Seduction of Innocent” no qual o mesmo alegaria que tais histórias seriam responsáveis por formar delinquência entre os jovens leitores.

A situação hegemônica dos Estados Unidos em âmbito mundial permitiu-lhes estruturar uma nova ordem internacional quase inteiramente a seu molde – a Pax Americana. A posição do capitalismo norte americano no mundo só encontrava paralelo na do inglês da metade do século XIX. No plano político-militar, os Estados Unidos detinham vantagens talvez nunca obtidas por outra potência: dominavam os mares, possuíam bases aéreas e navais, além de exércitos, em todos os continentes, bem como a bomba atômica e uma aviação estratégica capaz de atingir todas as áreas do planeta. Em termos financeiros e comerciais, o dólar se impôs ao conjunto do mundo capitalista a partir da conferência de Bretton Woods (1944) e da criação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, dentro do sistema da ONU.

O período de paz e prosperidade no qual o mundo ocidental se encontrava, em especial os Estados Unidos, não daria espaço para os heróis que se apoiavam nos conflitos e na guerra como os “capitães”. Porém, em 1964, a editora Marvel Comics publica o arco de histórias conhecido como “Tales os Suspense”, no qual o Capitão América mostraria seu retorno ao lado de outro super herói também ligado à guerra, o Homem de Ferro. A explicação da editora fora que, ao fim dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, um foguete carregado de explosivos lançado pelo barão Heinrich Zemo (também conhecido como Barão Zemo), um cientista nazista, explodiu com o Capitão e seu parceiro Bucky. O jovem Bucky morreu na explosão, mas o Capitão América fora lançado ileso nas águas do Oceano Ártico. O frio extremo do oceano, aliado ao soro de super soldado que circulava pelas suas veias mantiveram o Capitão América em animação suspensa. Resgatado do gelo pela equipe denominada “Os Vingadores” (na qual também participava o Homem de Ferro, o deus nórdico Thor dentre outros) o Capitão América estava de volta a atividade na década de 1960 e também se converteria no líder da então equipe de super heróis.

Em março de 1965 seria publicada a história denominada *The origin of Captain America*³ (A origem do Capitão América) em *Tales of Suspense* 63. A história visava reproduzir a origem do super-herói Capitão América de maneira fiel o qual fora publicada na década de 1940. O arco de histórias *Tales of Suspense* 63 até o número 71 incorporava as aventuras do Capitão durante a Segunda Guerra, sendo também demonstrada a origem de seu arqui vilão Caveira Vermelha (já descrito anteriormente), bem como o papel de extrema importância do Capitão América nos conflitos contra os nazistas. Publicar as histórias do Capitão América durante a Segunda Guerra, vista a crescente ameaça nazista,

³ Nota-se que a própria palavra América no nome do herói, tende a apresentar a ideia de que os Estados Unidos representam todo o continente americano. A América é vista quase sempre como um país, e não como um continente.

se fazia muito relevante como já fora apontado; porém, é interessante compreendermos o porquê do lançamento de tais histórias na década de 1960, visto que a ameaça nazista não se fazia mais presente. O historiador Marcos Del Roio nos mostra que o mundo ocidental sempre esteve criando seus “antípodas”. Conforme apresentado por Del Roio (1998, p.247):

Desde fins do século XIX a reprodução ampliada do capital encontra na indústria bélica uma demanda irrenunciável, não só como investimento econômico produtivo, mas também como instrumento de violência político-militar contra os Estados e capitais concorrentes, contra o movimento socialista (enquanto outro interno) e contra os povos não ocidentais (enquanto outro externo); daí ser a guerra uma tendência inelutável do desenvolvimento capitalista.

A figura do outro é construída como algo que se opõe a ordem social vigente, e a URSS após a Segunda Guerra mundial era visto como o outro a ser combatido. Em outubro de 1942, quando retornou de uma visita a Moscou, Churchill elaborou um *memorandum* secreto, no qual afirmava que, “assim que o eixo deixasse de constituir uma ameaça, os aliados anglo-saxões deveriam recordar que a URSS socialista era um inimigo permanente”. (VISENTINI, 2008, p.154) O papel da URSS no desfecho da guerra contra o Eixo fora fundamental, e ao termino do conflito, o país emergiria como uma força em potencial. Segundo Visentini (2008, p.154):

As bombas atômicas lançadas sobre um Japão à beira da rendição eram militarmente questionáveis, como atestam estudos recentes. Seu significado diplomático estratégico, na verdade, constitui numa demonstração de força diante dos soviéticos e dos movimentos de libertação nacional que amadureciam na China, na Coreia e nos países do Sudeste Asiático, bem como uma intimidação à agitação do mundo colonial. Nesse sentido, tal política visava a limitar os acordos de Yalta referentes à Europa e a impedir sua aplicação na Ásia.

O Mundo Soviético conseguira sobreviver aos destroços da guerra, mesmo sem a ajuda financeira do ocidente⁴, convertendo sua força militar (soldados) em mão de obra para a reconstrução do seu país, e apesar dos sacrifícios exigidos sua reconstrução foi relativamente rápida. Através da

⁴ “No dia da rendição alemã o governo americano interrompeu sem comunicação prévia a ajuda fornecida, por meio da Lei de Empréstimos e Arrendamentos, à URSS, chamando de volta um comboio que se encontrava a meio caminho desse país. Washington também voltou atrás no tocante à cobrança de reparações de guerra no conjunto da Alemanha por Moscou. (VISENTINI, 2008, p.154-155).

Doutrina Truman e do Plano Marshall, os Estados Unidos forneciam os subsídios necessários à reconstrução da Europa Ocidental (a maioria dos países haviam se tornado importadores) bem como desenvolvimento de um mercado estável. A grande depressão da década de 1930 havia mostrado que o liberalismo em seu sentido fundamental (não intervenção do Estado na economia) havia levado ao desastre econômico. Através das conferências de Bretton Woods os Estados Unidos, bem como diversos outros países aliados concordariam que, o gerenciamento econômico mundial deveria ser exercido pela potência hegemônica do mundo capitalista, ou seja, os Estados Unidos da América. Detentores da economia mais avançada do mundo, os Estados Unidos estariam aptos a exercer tais funções. “O que havia sido definido como um sistema multilateral presidido pelo FMI tornou-se um sistema com base no dólar, com muito pouca participação do fundo”. (FRIEDEN, 2006, p.312). As barreiras protecionistas, típicas das décadas de crise, deveriam dar espaço a melhores condições de integração comercial entre os países capitalistas aliados, principalmente no pós-guerra, onde as economias desses países se encontravam em sua maioria arrasadas. Conforme argumenta Frieden (2006, p.305):

Os mercados e o capital dos Estados Unidos ajudaram a reorientar as economias do mundo industrial. Ao deixarem a proteção de lado e se lançarem na integração mundial, os Estados Unidos deram novo fôlego para o comércio e os investimentos internacionais, o que promoveu uma onda de crescimento na Europa Ocidental e no Japão. Em contrapartida, as duas regiões contribuíram para o dinamismo da economia mundial, reforçando o movimento em direção à integração econômica do globo. Todos os aspectos positivos se juntaram em um ciclo virtuoso de integração comercial, expansão de empresas multinacionais, crescimento econômico e prosperidade. As expectativas dos arquitetos do sistema de Bretton Woods estavam sendo atendidas.

De outro lado se ergueria o socialismo encontrava seu crescimento na Europa Oriental, “pela primeira vez, havia uma opção para populações, partidos e países insatisfeitos com a desigualdade e a imprevisibilidade do capitalismo.” (FRIEDEN, 2006, p.298) O socialismo ao estilo soviético parecia oferecer um crescimento rápido, igualdade e melhorias sociais, algo que preocupava os capitalistas. Em janeiro de 1949, a URSS criou o Conselho de Assistência Mútua Econômica (Comecon) integrando os planos de desenvolvimento de um mercado comum dos países socialistas em resposta ao plano Marshall e aos acordos de Bretton Woods. Em abril os Estados Unidos em resposta, criaram a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no qual legalizava a presença militar dos norte-americanos no continente europeu. Em 1955, em resposta à OTAN, os soviéticos criam o Pacto de

Varsóvia. Em meio a estas hostilidades então a Guerra Fria estava firmada. Com o avanço dos conflitos os Estados Unidos desenvolvem o serviço de inteligência e espionagem através da CIA ainda no governo Truman, enquanto no bloco soviético a KGB desempenharia papel equivalente. Uma realidade inevitável era de que o mundo socialista estava crescendo. Conforme argumenta Frieden (2006, p.344):

A visita de Nikita Khrushchev aos Estados Unidos em 1950 e 1960 virou manchete nos jornais de todo mundo. Quando o líder soviético bateu os pés com raiva no parlatório enquanto discursava nas Nações Unidas na década de 1960, os ocidentais ridicularizaram o camponês pouco sofisticado que agora liderava o maior país do mundo. No entanto, quando ele disse que até 1980 a economia da União das Republicas Socialistas Soviéticas seria maior que a dos Estados Unidos, ninguém riu. Os soviéticos derrotaram os Estados Unidos na corrida espacial com o Sputnik em 1957 e um ano mais tarde lançaram a primeira nave espacial pilotada por um homem. Grosseiro ou não, o socialismo soviético parecia ser um verdadeiro rival do capitalismo.

Em 1939, o socialismo existia apenas na URSS, porém, em cinco anos após a Segunda Guerra, o socialismo se expandiu do centro da Europa para o pacífico. A guerra fria levou uma rápida imposição do modelo soviético na Europa Central e do Leste. Além disso, na Ásia, a Coreia do Norte, o Vietnã do Norte bem como a China (maior população do mundo) também aderiam ao socialismo. O sistema internacional pré-guerra desmoronara, deixando os Estados Unidos diante de uma URSS enormemente fortalecida em amplos trechos da Europa. Segundo Hobsbawm (1995, p.228), “qualquer coisa que acontecesse nesse mundo explosivo e instável tinha maior probabilidade de enfraquecer o capitalismo e os EUA, e de fortalecer o poder que passara a existir pela e para a revolução”. A URSS na segunda metade da década de 1950 atingia o status de potência mundial. O país se recuperara economicamente através de um amplo desenvolvimento da indústria (principalmente a indústria de base), se recuperara demograficamente das perdas na guerra contra o Eixo bem como buscava solucionar os problemas da agricultura e qualidade de vida de sua população. A URSS ultrapassava os Estados Unidos na corrida espacial e mantinha um forte arsenal bélico incluindo as temíveis armas atômicas. Segundo Frieden (2006, p.360):

Rápido crescimento e transformação social vieram acompanhados por serviços - como saúde e educação - bem melhores. O analfabetismo foi praticamente erradicado, inclusive na China. O atendimento médico era gratuito e acessível. Em

muitos países socialistas o número de médicos e leitos hospitalares por habitante eram maiores que em várias nações capitalistas industrializadas. A mortalidade infantil caiu vertiginosamente, atingindo índices às vezes bem menores de que países mais ricos; em 1970, a taxa era menos na Tchecoslováquia que na Áustria, menos na Bulgária que na Grécia, menos na Alemanha Oriental que na Ocidental. A expectativa de vida aumentou e a renda se tornou menos desigual.

Em meados da década de 1960 e o início da década de 1970, o comunismo reinava absoluto tanto na URSS (maior extensão territorial do mundo) quanto no então país mais populoso do planeta. Em 1959 acontecia na América Latina a Revolução Cubana. Fidel Castro depunha o regime de Fulgêncio Batista instalando na ilha o regime socialista. Tal acontecimento se materializaria em um impacto muito forte ao governo norte americano. Conforme argumenta Frieden (2006, p.357), “com a Revolução Cubana, o socialismo conseguiu um pequeno espaço de influência na casa de força do capitalismo mundial, no playground da classe alta norte-americana”. O panorama político econômico estava diferente. “Após 1948, o longo de 25 anos as economias planificadas foram muito bem. A União Soviética e a Europa Oriental cresceram mais rápido que a Europa Ocidental; a China cresceu mais rápido que a Índia.” (FRIEDEN, 2006, p.359). As circunstâncias possibilitariam uma escolha de quem iria prevalecer o socialismo ou o capitalismo. Em 1961 seria construído o muro de Berlim, o que marcaria ainda mais o antagonismo entre as duas potências. A guerra fria se materializaria em um confronto marcado pelo medo embora nunca houvesse um confronto direto entre os Estados Unidos e a URSS, era em suma uma guerra de ambos os lados ideológica. Conforme argumenta Hobsbawm (1995, p 224):

Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podia estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. Na verdade, mesmo os que não acreditavam que qualquer um dos lados pretendia atacar o outro achavam difícil não ser pessimistas, pois lei de Murphy é uma das mais poderosas generalizações humanas (“se algo pode dar errado, mais cedo ou mais tarde vai dar”). À medida que o tempo passava, mais e mais coisas podiam dar errado, política e tecnologicamente, num confronto nuclear permanente baseado na suposição de que só o medo da “destruição mútua inevitável” (adequadamente expresso na sigla MAD, das iniciais da expressão em inglês – mutually assured destruction) impediria um lado ou outro de dar o sempre pronto sinal para o planejado suicídio da civilização. Não aconteceu, mas por cerca de quarenta anos pareceu uma possibilidade diária”.

A existência de um conflito global de tamanha proporção possibilitava novamente a ascensão de pessoas incomuns ou super-heróis para trazer alento e esperança às pessoas cuja crença em um conflito mundial se tornaria inevitável. Os super heróis novamente viriam desempenhar uma função social e ideológica. O Capitão América, que havia lutado com tanto fervor contra os nazistas na década de 1940, precisaria confrontar um novo inimigo, desta vez expressa na figura do comunista. Além disso, outros heróis desempenhariam muito bem essa missão como é o exemplo do Homem de Ferro e sua luta contra seu vilão conhecido como Mandarim (uma alusão ao crescente avanço comunista na Coréia, China e no Vietnã). Porém, as derrotas políticas estadunidenses deveriam ser amenizadas por meio da construção de um ideal vencedor aos norte-americanos. O Capitão América demonstraria na década de 1960 a principal força na derrocada das forças do Eixo durante a Segunda Guerra exercendo um papel de indispensável importância. Ainda em seu retorno à década de 1960, o capitão se veria defrontando antigos inimigos da época do III Reich tal como o Barão Zemo, e até seu arqui-inimigo Caveira Vermelha, que ficara conservado também em animação suspensa devido à inalação de vapores químicos. Não seria difícil conduzir um debate anticomunista em um país como os Estados Unidos visto que segundo Hobsbawm (1995, p.232):

O anticomunismo era genuína e visceralmente popular num país construído sobre o individualismo e a empresa privada, e onde a própria nação se definia em termos exclusivamente ideológicos (“americanismo”) que podiam na prática conceituar-se como o polo oposto ao comunismo.

O Capitão América representaria os interesses e os ideais do sistema capitalista (principalmente a liberdade - em oposição ao sistema totalitário soviético), cujo maior representante se materializaria na figura dos Estados Unidos. O discurso apocalíptico que circulava a Guerra Fria se fazia cada vez mais impactante, algo que era constantemente colocado em consideração pelos norte-americanos. A própria arma do herói (um escudo com as cores da bandeira estadunidense), evidenciaria seu caráter ideológico. Segundo Jô Soares (1977, p.101) “é estranho que um herói tão agressivo tenha escolhido para si um objeto defensivo, talvez queira ele insinuar simbolicamente que só ataca pra se defender”. Embora a frase “atacar para se defender” pareça paradoxal, ela sintetiza muitas das desculpas políticas internacionais dos norte-americanos, frente aos conflitos que participava. Os Estados Unidos enviavam suas tropas ao solo vietnamita em 1965 mesmo sob advertências, mas agora, com o Capitão América ao seu lado, poderiam vencer facilmente tais conflitos. Segundo Hobsbawm (1995, p.232), “como a URSS, os EUA eram uma potência representando uma ideologia, que a maioria dos americanos sinceramente acreditava ser o modelo para

mundo. Ao contrário da URSS os EUA eram uma democracia”. Logo os conflitos empreendidos pelos norte-americanos, como dito anteriormente, em primeira instância, visavam uma busca pela preservação da liberdade e da democracia, e não do sistema capitalista em si. De acordo com Hobsbawm (1995, p.234):

O tom apocalíptico da Guerra Fria se originou na América. Todos os governos europeus ocidentais, como ou sem grandes partidos comunistas, eram empenhadamente anticomunistas, e decididos a proteger-se de um possível ataque militar soviético. Nenhum deles teria hesitado, caso solicitado a escolher entre os EUA e a URSS, mesmo aqueles que, por história, política ou negociação, estavam comprometidos com a neutralidade. Contudo a “conspiração comunista mundial” não era um elemento sério das políticas de nenhum dos governos com algum direito de chamarem-se democracias políticas, pelo menos após os anos imediatos do pós-guerra. Entre as nações democráticas, só nos EUA os presidentes eram eleitos (como John F. Kennedy em 1960) para combater o comunismo, que em termos de política interna, era tão insignificante naquele país como o budismo na Irlanda.

Os Estados Unidos haviam feito do comunismo um inimigo hostil, prestes a invadir e destruir o mundo a qualquer momento. O mundo havia se emergido em uma retórica apocalíptica de que o mesmo acabaria com o explodir de inúmeras bombas nucleares. O Capitão América podia estar enferrujado em virtude dos anos em que havia permanecido em inatividade, mas estava virtualmente pronto para enfrentar a ameaça comunista no “mundo livre” conforme dito por Visentini (2008, p. 197), “a guerra fria constitui um dos fenômenos mais importantes e polêmicos da História Contemporânea, marcado que foi, e ainda o é, pelo confronto ideológico do século.” tento em vista suas particularidades, muitos estudiosos a abordam como “uma mera luta de poder entre superpotências visando à dominação mundial.” (VISENTINI, 2008, p.197).

Os super heróis como dito anteriormente, tendem a materializar os conflitos pertencentes à sua realidade histórica. O surgimento de um conflito como a Segunda Guerra, aliado à dor e destruição no qual o conflito transmitia à sociedade, fora necessária ao surgimento de indivíduos capazes de transpor os limites da humanidade. O clima que a Guerra Fria proporcionara bem como os conflitos da Guerra do Vietnã fizeram com que fosse necessário o retorno dos super-heróis, bem como a incorporação de novos heróis, mais intimamente ligados a estes conflitos. A sociedade vigente constrói e redefine constantemente seus inimigos. Como visto e define Kothe (1985, p.70):

O herói é o defensor, sobretudo da lei. A lei para ele é a aplicação da justiça. E a lei que ele defende – é geralmente a favor do governo, mas podendo inclusive fazer com que ele em algum momento se volte contra um representante governamental – é, por baixo de todos os mil escamoteamentos, a lei da propriedade privada, a lei da estrutura vigente nesta sociedade.

Sendo assim, o inimigo, ou o outro como dito por alguns, é sempre aquele que vai contra a predominância de um sistema hegemônico. Como dito por Hobsbawm (1995, 224), “desde o principio do conflito, a Guerra fria era uma guerra entre desiguais”. Mas a presença de um regime comunista dentro de um panorama político mundial de maioria capitalista, desde o principio forjara uma contínua discórdia. Porém, a Guerra Fria fora vista pelos norte-americanos como algo estratégico ao seu desenvolvimento. Conforme Visentini (2008, p.159):

Apesar de certas formas exaltadas e maniqueístas da Guerra Fria, esta possuía sua racionalidade, pois permitia aos Estados Unidos manter controle político e primazia econômica tanto sobre seus aliados industriais europeus como sobre a periferia, sobretudo latino americana. Ao explorar uma ideia de ameaça externa, Washington obtinha a unidade do mundo capitalista e orientava-a contra a URSS e os movimentos de esquerda e nacionalistas, tanto metropolitanos quanto coloniais, emergidos da Segunda Guerra Mundial. A manutenção de um clima de tensão militar, conferia aos Estados Unidos uma posição privilegiada para consolidar sua expansão econômica. [...] Essa permanente tensão permitiria a hegemonia incontestada da formidável máquina militar americana em pleno tempo de paz. A Guerra fria constituiu-se assim, em uma verdadeira Pax Americana.

A história a cada espaço de tempo tem desenvolvido elementos para sua leitura de maneira cada vez mais dinâmica e complexa. O surgimento da Guerra Fria e a “ameaça comunista” trouxera de volta o maior herói da década passada (o Capitão América) aos americanos, A “crescente” ameaça terrorista presente pós aos atentados de 11 de setembro de 2001 colocara o mundo em constante ameaça. Seria necessária a presença do Capitão América para conseguir conter tal conflito? Após o 11 de setembro quem será ou até mesmo se tornará o Capitão América?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A amplitude do conceito de fonte histórica permitiu então a incorporação e utilização de diversos objetos como documentos de análise historiográfica. Dentre estes objetos a análise do arco “Tales of Suspense” nos permitiu fazer algumas reflexões importantes.

Para existir o super-herói fora necessário um amadurecimento tanto do desenho (visto que os desenhos das histórias em quadrinhos mantinham uma característica caricatural) quanto na composição das suas histórias. Foi necessário primeiro o surgimento da figura do herói, para posteriormente surgir à figura do super-herói. Fora necessário a emergência de um mundo abalado pela grande depressão da década de 1930 para que pudesse surgir um indivíduo, capaz de vencer pela força e pela coragem, obstáculos que não poderiam ser vencidos por homens comuns. O que parecia ser um mundo em catástrofe pareceu ainda pior visto que a Alemanha nazista e os países do eixo declararam outra guerra de proporções mundiais. Em meio ao caos e a destruição proporcionada pelo confronto, fora necessário o surgimento de alguém que transcendesse as capacidades até mesmo do próprio herói, algo inverossímil o qual denominaríamos de super herói. O super heróis se materializariam em indivíduos aptos a transcenderem a realidade humana. Muitos deles teriam a força suficiente para rasgar paredes aos socos e pontapés, alguns até mesmo capazes de destruir estruturas com o puro pensamento. Somente alguém com super poderes para dar esperança a um mundo sem esperança, afundado em morte e destruição. Os super-heróis despertariam em seus leitores, sentimentos muito necessários à realidade da guerra (como por exemplo, a coragem e a esperança). O fato de muitos saírem pelos ares a voar em suas capazes adornadas, transmitia em muito a ideia de liberdade, afinal, quem não gostaria de sair por ai, voando sem destino.

O surgimento dos super heróis bem como sua popularidade, é algo do qual não podemos desvincular de seu contexto histórico. Durante a Segunda Guerra Mundial, vimos o surgimento de vários denominados Capitães, tais como, o Capitão Marvel, o Capitão América, o Capitão Átomo dentre outros. O surgimento de heróis associados à guerra em tempos de guerra se fizera comum. Muitos desses heróis fariam muito sucesso nos períodos de conflito, principalmente entre as crianças e adolescentes, porém, com o término da guerra muitos cairiam em esquecimento como, por exemplo, o Capitão América. Durante a década de 1950 muitos dos antigos leitores já se tornaram adultos e muitos já constituiriam família, além disso, o período pós-guerra fora associado a um período de paz, ou seja, os horrores da guerra não deveriam mais ser ressuscitados.

Porém, com o fortalecimento do mundo capitalista, em contraste com um mundo socialista em expansão, fora necessário o retorno dos super heróis. A ameaça comunista, bem como, a retórica apocalíptica da Guerra Fria, trazia de volta o temor da guerra. Seria necessária novamente a presença de indivíduos com poderes sobre humanos para enfrentar as ameaças de um mundo prestes a ver seu fim vítima de uma onda de explosões nucleares. O Estados Unidos se auto proclamariam os defensores da democracia e da liberdade, enquanto os comunistas seriam retratados como pessoas imersas em regimes totalitários e antidemocráticos. Heróis antigos como o Capitão América teriam suas histórias novamente republicadas, bem como surgiriam heróis particulares e típicos do contexto histórico da Guerra Fria, como é o exemplo do Homem de Ferro. O Capitão América teria sua origem recontada, e sua história reatualizada, afinal, como explicar o ressurgimento de um herói 15 anos mais velho em plena capacidade física na década de 1960?

A Guerra Fria exigia que os Estados Unidos reforçassem ideologicamente o caráter heroico e vencedor de seu povo. Em meio à década de 1960 as histórias do Capitão América mostravam o quanto importante e fundamental fora sua importância para a derrocada do regime nazista. Além disso, a figura desengonçada do recruta Rogers (alter ego e disfarce do Capitão América) só mostraria que, o último lugar onde um genuíno americano poderia se esconder era atrás da figura de um mal soldado. A própria arma do Capitão, denunciaria seu caráter ideológico; um herói que se utiliza de um escudo, simbolizaria um herói que só luta pra se defender, algo que legitimaria muitas práticas políticas americanas ao interferirem em conflitos como o da Guerra da Coreia e do Vietnã.

Cabe a presença dos super heróis, como dito anteriormente, em relevância aos estudos históricos, vista a amplitude de símbolos e contextos no qual estão inseridas estas histórias. A revisão dos paradigmas dentro da historiografia nos permitira estudar a expandir a amplitude de fontes históricas, enquadrando diversos elementos importantes como fonte de pesquisa histórica, dentre estes objetos localizo em particular as histórias em quadrinhos. Porém, ao nos depararmos com estas fontes, devemos primeiro analisa-las de modo crítico, sempre nos preocupando com o contexto e realidade histórico social em que estão inseridas, pois só assim conseguiremos fazer uma análise deste enigmático e amplo universo, o qual denomino Histórias em Quadrinhos bem, como do amplo debate conhecido como historiografia.

REFERÊNCIAS

DEL ROIO, Marcos. **O Império Universal e seus Antípodas** – A ocidentalização do mundo. São Paulo: Ícone, 1998.

FRIEDEN, Jeffry. **Capitalismo Global** – História econômica e política do século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GUBERN, Roman. **Literatura da Imagem**. Rio de Janeiro: Salvat, 1979

HOBBSAWM, Eric. **Era do Extremos – O breve século XX 1914 - 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOTHE, Flávio R. **O Herói**. São Paulo: Ática, 1985.

LEE, Stan, KYRBY, Jack. “**A fantástica Origem do Caveira Vermelha**” in Biblioteca Histórica Marvel Vol 1. São Paulo: Panini, 2009.

Revista **Biblioteca Histórica Marvel**, Capitão América. Volume 1. São Paulo: Panini, 2009.

SOARES, Jô. **Os dilemas do Fantasma e do Capitão América**, in MOYA, Álvaro de (org) SHAZAM!. São Paulo: Perspectiva, 1977.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Super-Heróis e cultura americana** in, VIANA, Nildo, REBLIN, Iuri Andréas. Super-Heróis, Cultura e Sociedade. São Paulo: Idéias e Letras, 2011.

VIANA, Nildo. **Heróis e Super-Heróis no Mundo dos Quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A guerra fria**. In Reis Filho, Daniel Aarão(org), Ferreira, Jorge(org), Zenha Celeste(org). O Século XX – O tempo das Crises. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **História do Mundo Contemporâneo** – DA pax britânica do século XVIII ao choque das civilizações do século XXI. Petrópolis: Vozes, 2008.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL